II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

**ANÁLISE DE MODELOS EXPLICATIVOS PARA ESQUIZOFRENIA A PARTIR DO
FILME ‘O SOLISTA’**

Ana Claudia Rodrigues (Departamento de Psicologia, UEM, PIC); Camila Erika Arita (Departamento de Psicologia, UEM, PIC); Jessica Kashiwagui Itami (Departamento de Psicologia, UEM, PIC); Aline Santti Valentim (Departamento de Psicologia, UEM); Prof. Dra. Vânia Lúcia Pestana Sant’Ana (Departamento de Psicologia, UEM).

contato: ana_claudia@live.com
kika_arita@hotmail.com
jessica_itami@hotmail.com

Palavras-chave: Esquizofrenia. Análise do Comportamento. Internalismo.

A esquizofrenia é definida por manuais médicos como um transtorno psicótico, caracterizada pela manifestação de sintomas (comportamentos) tais como: delírios, alucinações, discurso e comportamentos desorganizados ou catatônicos, embotamento afetivo, alogia e abulia. Ela é considerada uma intrigante psicopatologia, que até os dias atuais, ainda não foi muito bem explicada, sendo que sua nomenclatura pode ser entendida como “mente dividida” (esquizo = divisão; phrenia = mente).

Considerando que durante o último século foram formulados diversos modelos de explicação e posicionamento acerca da esquizofrenia, faz-se necessário compreender o modo como esta psicopatologia vem sendo abordada na atualidade. Para tanto, destacou-se os seguintes modelos teórico/práticos que buscam formas de atuar frente a esquizofrenia: modelo internalista, modelo biomédico e modelo analítico comportamental, que serão descritos a seguir.

O modelo internalista tem como enfoque explicações pautadas na existência de uma mente autônoma. Segundo esse modelo, os comportamentos são determinados por um eu interno e independente. Considera-se no presente trabalho, portanto, que o modelo internalista abarca o que é denominado de “mentalismo” – neste, o eu é visto como autônomo, sendo o causador do comportamento. Sendo assim, o comportamento é considerado uma mera manifestação ou sintoma do agente interior, a mente (LAURENTI, 2009).

Considerando os pontos citados, é possível trazer aspectos de um discurso pautado pelo modelo internalista de explicação para o contexto da esquizofrenia, no qual ela seria vista como um distúrbio de personalidade, ou seja, há um eu interior que é esquizofrênico. O

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

indivíduo seria, em sua *essência*, esquizofrênico. Portanto, é exatamente pelo fato de a pessoa ser esquizofrênica, que se comporta da maneira que o faz.

No que diz respeito ao segundo modelo de explicação citado, denominado de modelo Biomédico, discorre-se que este ainda pode ser considerado internalista. No entanto, neste caso, entende-se que abarca uma explicação que privilegia o aspecto biológico da esquizofrenia, privilegiando um tratamento que se baseia principalmente na administração de medicamentos com objetivo de cura, de modo que a esquizofrenia é vista como uma doença. Segundo Gongora (2003) uma explicação e atuação pautada no modelo biomédico defende a natureza biológica da doença psíquica, além de considerar comportamentos não observáveis como fenômenos mentais, o que corrobora, para uma visão dualista de homem (mente e corpo). Quanto ao diagnóstico, este é realizado de modo estritamente técnico, defendendo a neutralidade profissional na avaliação e dando pouca relevância ao contexto no qual o paciente está inserido. Com base no diagnóstico, a atuação mais recorrente envolve a medicalização e/ou internação.

Alguns estudiosos defendem a correlação entre os sintomas que caracterizam a esquizofrenia, com alterações funcionais, anatômicas e estruturais no cérebro. Algumas alterações funcionais são identificadas, principalmente na via colinérgica e dopaminérgica (VENTURA, 2010); no que diz respeito a estrutura e anatomia do cérebro, identifica-se alterações no volume da massa cinzenta na região frontal do cérebro e aumento nos ventrículos encefálicos (laterais) e dos sulcos (FILHO, 2000).

No presente trabalho, considera-se que uma intervenção eficaz deve considerar, não somente o aspecto biológico da psicopatologia, mas também o aspecto ontológico e cultural, que atribui características particulares a essa psicopatologia que é vivida por cada indivíduo de modo diferente. Além disso, julga-se necessário uma atuação que vise integrar o paciente psicótico com a sociedade, ao invés de excluí-lo. Um modelo alternativo de explicação da esquizofrenia é o modelo Analítico Comportamental, que segundo Gongora (2003), considera o homem como um sistema unitário - não há dicotomia entre corpo e comportamento. Tal modelo adota como objeto de estudo o comportamento que é a relação entre o organismo e o ambiente, na qual o indivíduo opera no meio produzindo consequências e sendo afetado por elas, portanto, recorre-se à história e não a agentes internos para explicar a esquizofrenia.

Diante disso, Ulmann e Krasher apud Gongora (2003) afirmam que o comportamento psicótico não é diferente do dito normal, pois todo comportamento aprendido segue o mesmo

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

28 a 30 de Novembro de 2012

modelo de aprendizagem. Sendo o comportamento psicótico entendido como um comportamento operante, torna-se necessário descrevê-lo de acordo com a tríplice contingência, para identificar as variáveis que o mantêm, e assim, poder modificá-lo. A análise do comportamento visa diferenciar os homens de acordo com as especificidades de seus comportamentos, produtos de aprendizagem diferentes, sendo que para isso considera três níveis de análise que inter-relacionam: o filogenético, ontogenético e cultural. Ainda, considera que a intervenção é de caráter ético, visto que o psicólogo julga cada caso considerando suas características particulares e a consequência da intervenção para o indivíduo e a sociedade. Por fim, a intervenção visa ensinar a pessoa a intervir mais eficazmente em seu ambiente.

Considera-se que na sociedade ocidental em que vivemos, os três conceitos apresentados - internalista psicológico e/ou biomédico e analítico comportamental – permeiam o modo de explicação e ação dos indivíduos ante a esquizofrenia. Admite-se, entretanto que isso não se dá de maneira nivelada, de modo que alguns modelos de explicação apresentam-se de maneira muito mais recorrente do que outros; ou seja, alguns modelos estão mais difundidos na sociedade. Diante disto, foi proposta a análise do filme “O Solista” (2009) que foi dirigido por Joe Wright, buscando identificar nas cenas e falas dos personagens, características que os aproximassem dos modelos citados.

Para tanto, elencou-se critérios de análise que auxiliassem na classificação das cenas destacadas. Os critérios foram: (1) A mente substancial como *causa e explicação*; (2) Crer que as atividades dessa mente não podem ser observadas por ninguém que não seja aquele que é o “dono” da mente, e o comportamento é uma forma indireta de tentar “entender a mente”; (3) Não acreditar em uma possibilidade de mudança, justificando pelo fato de que “a pessoa nasceu assim”. Para o modelo biomédico: (1) A mente enquanto processos e alterações cerebrais que explicam a esquizofrenia; (2) A esquizofrenia - como alteração cerebral - causa os comportamentos esquizofrênicos; (3) A esquizofrenia é distinta do comportamento, sendo como uma entidade (doença) que toma posse do indivíduo e o leva a agir de determinada maneira. Por fim, os critérios do modelo analítico comportamental: (1) A esquizofrenia e os comportamentos considerados esquizofrênicos não são distintos; (2) A esquizofrenia entendida enquanto uma classe de respostas selecionadas por suas consequências; (3) Produto de variáveis de 3 níveis simultaneamente - ontológico, filogenéticos e culturais/sociais.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

O filme “O Solista” conta a história de amizade entre Nathaniel Ayers, um violoncelista que na década de 70 entrou para a renomada escola de música Juilliard, que fica em Nova York, e o Steve Lopez, um colunista da L.A Times que decide escrever uma matéria sobre Nathaniel. Os personagens principais do filme são: Nathaniel Ayers (violoncelista que mora nas ruas de L.A), Steve Lopez (colunista de um importante jornal de L.A), Mary Weston (ex-mulher de Lopez e editora do jornal) e David Carter (coordenador da LAMP, comunidade que acolhe pessoas sem moradia ou que apresentem algum transtorno mental).

Como resultados foram destacadas cenas em que puderam ser observados alguns elementos dos modelos expostos. Sendo assim, características do modelo biomédico podem ser encontradas quando: “Sr. Lopez pede para que David convença Nathaniel a se consultar com um psiquiatra e a tomar medicação. Afirma que talvez ficar internado em um hospital psiquiátrico, tomando medicação por 14 dias, seja tudo que ele precise para ficar bom”. Nesta cena, destaca-se o grande enfoque no aspecto biológico e na medicalização; a esquizofrenia é vista como uma entidade que pode ser neutralizada ou “destruída” com a utilização de medicamentos. No que diz respeito ao modelo internalista psicológico, foi observado quando: “A ex-mulher de Lopez diz que ele não conseguirá curar Nathaniel, e que só lhe resta ser seu amigo”. Pode-se observar nesta cena um aspecto internalista, pois Mary considera que Nathaniel não pode ser curado; como se ele possuísse uma mente esquizofrênica que o faz agir como ele age, de modo que não há nada que se possa fazer. Por fim, alguns aspectos remontam ao modelo analítico comportamental, como: “Sr. Lopez questiona se Nathaniel *tem* esquizofrenia. David diz que não sabe e que o diagnóstico não lhe interessa. Lopez indaga como poderão ajudá-lo se não sabem o que ele tem. David diz que muitas pessoas ali já receberam vários diagnósticos e isso não os ajudou de nenhuma forma”. Nesta cena, o personagem David apresenta uma postura crítica e se atenta a história médica (de internação) dos indivíduos. Apesar de não ficar claro como esse personagem entende o quadro de Nathaniel, ele adota uma postura ética bastante parecida com a comportamental ao negar orientar sua intervenção por diagnósticos.

A partir da análise do filme, considera-se que há um predomínio de pressupostos internalistas, de modo que a medicalização e os aspectos biológicos da esquizofrenia são mais discutidos ao longo do filme. O predomínio de pressupostos internalistas e biomédicos reitera a postura predominante na sociedade. No que tange as cenas em que foram destacadas características que se aproximam do modelo analítico

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

comportamental, entende-se que apareceram no filme como um modo alternativo de lidar com o esquizofrênico, sendo em muitos momentos questionados, ou seja, alternativas àqueles modelos são duvidosos.

Por fim, destacou-se uma cena em que o Sr. Lopez faz uma retrospectiva acerca de sua amizade com Nathaniel e diz que não sabe se o ajudou, mas que segundo especialistas somente o fato de se ter um amigo, pode alterar a química cerebral e melhorar sua adaptação ao mundo. Nesta cena, que se aproxima do modelo biomédico, o personagem de Lopez busca uma forma de comprovar que a amizade que teve com Nathaniel foi importante para este; para tanto ele cita uma informação científica que explica em termos fisiológicos os benefícios de uma amizade. Empregando um olhar psicológico que vai para além do aspecto puramente biológico, compreende-se que no decorrer do filme o personagem Nathaniel conseguiu desenvolver um repertório que o permitiu ter uma melhor relação com os pares e um maior cuidado consigo mesmo. Diante disto, admite-se que os benefícios da amizade não precisam ser comprovados apenas através dos vestígios fisiológicos; esses benefícios podem ser observados na própria história que se modifica e no repertório comportamental que é aprendido e possibilita uma melhor adaptação do indivíduo a sua realidade.

Referências

BRITTO, I. A. G. S. Sobre Delírios e Alucinações. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. ABPMC, São Paulo, v. V, n. 1, p. 061-071, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v6n1/v6n1a07.pdf>>. Acesso em: 04/05/2011.

FILHO, G. B.. A anatomia estrutural e funcional da esquizofrenia: achados de neuropatologia e neuroimagem. **Revista brasileira de psiquiatria**, São Paulo, vol. 22, n. 1, p. 9-11, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s1/a04v22s1.pdf>>. Acesso em 28/10/2011.

GONGORA, M. A. N. et al. Noção de Psicopatologia na Análise do Comportamento. In: ____ **Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição**. Santo André: ESETec, 2003, p. 93-109.

LAURENTI, C. **Criatividade, liberdade e dignidade**: impactos do darwinismo no behaviorismo radical. São Paulo: Scientiae studia, v. 7, n. 2, pp. 251-269, 2009.

VENTURA, A. L. M; et al. Sistema colinérgico: revisitando receptores, regulação e a relação com a doença de Alzheimer, esquizofrenia, epilepsia e tabagismo. **Revista de psiquiatria clínica**, São Paulo, vol. 36, n. 2, p. 74-80, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n2/a07v37n2.pdf>>. Acesso em 28/10/2011.